

FAMÍLIA: TEMPO PARA CONHECER E ACOLHER SUA HISTÓRIA

Andréia Neiss¹
Carolina Hofer²
Elaine Weber Skrsypcsak³

RESUMO: O presente artigo é resultado do estágio em espaços não escolares do curso de Pedagogia da FAI Faculdades, no qual busca-se contato com o grupo de catequese da comunidade de Linha Chapéu, Itapiranga, SC, com o seguinte tema de projeto: Família: tempo para conhecer e acolher sua história. A reflexão em torno das ações concentra-se na atuação do pedagogo em espaços não escolares, ou seja, em empresas, grupos de idosos, na catequese; a origem da catequese no Brasil; a família de ontem e de hoje e, a importância de conviver em família relatando alguns fatos decorrentes da nossa prática.

Palavras-chave: Família; Catequese, Pedagogo; Conviver.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará o tema do projeto de estágio desenvolvido a partir da disciplina de Estágio Supervisionado V - Espaços Não Escolares do curso de Pedagogia da FAI Faculdades. A prática de estágio foi realizada em modo de oficina com duas turmas de catequese. Nesta perspectiva teve como fatores importantes o diálogo, exemplos de vivências e dinâmicas, cada qual com suas reflexões. Foi proposto aos catequizandos a reflexão sobre o tema - família: tempo para conhecer e acolher sua história tendo como objetivos, conhecer a história familiar de cada catequizando, despertar a sensibilidade para com os membros da família e enfatizar a importância da valorização e respeito à família.

Nos dias 16/05 e 23/05, das 13h30min às 15h30min, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora da comunidade de Linha Chapéu, pertencente à Paróquia São João Berchmans do município de Itapiranga, SC foi realizada a prática docente com as turmas de catequizandos da Pré-Eucaristia e Pós-Eucaristia. Estes com faixa etária de nove a treze anos de idade. Cada encontro teve a duração de duas horas.

Na oportunidade pôde-se perceber as semelhanças e também as diferenças no modo de ser de cada família e, até mesmo, o que os catequizandos estão fazendo para que a sua família seja unida e feliz. As pessoas de nossa sociedade estão cada vez mais aptas a maiores

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da FAI-Faculdades, Itapiranga/SC. E-mail: neiss_andreia@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia da FAI-Faculdades, Itapiranga/SC. E-mail: carolhofer@hotmail.com

³ Professora orientadora na disciplina de estágio em espaços não escolares da FAI Faculdades de Itapiranga/SC. E-mail: elainewa2@hotmail.com

habilidades e competências, porém poucas conhecem a sua história e acolhem-na. Por isso, pensou-se em abordar este aspecto, afinal, a família é essencial para os seres humanos, é dela que se tem existido e com ela se aprende a viver em sociedade, sendo o primeiro vínculo afetivo. Acolher e não reprimir por não ser como se gostaria que fosse, valorizando e compreendendo a família a qual se pertence foi um dos objetivos dos encontros.

Conforme o observado nas turmas da Pré-Eucaristia e Pós-Eucaristia, percebe-se que alguns não compreendem o quanto é importante acolher a sua história para se sentir mais seguro e importante enquanto pessoa, pois, quando questionados sobre a possível família que gostariam de ter informaram que, não gostariam de ter irmãos, gostariam de ter um quarto só pra si, ter mais dinheiro, um trator exclusivamente pra si.

Sabe-se que a família é parte integral da vida de todos os seres humanos a qual existem laços parentais e afetivos, onde se aprende a conviver uns com os outros para assim mais tarde sabermos viver em sociedade. Como se pode conhecer a história de vida através dos familiares para que melhor se a aceite? Objetiva-se com o projeto de estágio nos espaços não escolares sensibilizar os catequizandos quanto à necessidade de cada um em, conhecer a sua história familiar e acolhê-la, afim de que, também conheçam a de seus colegas, ainda, que despertem a sua sensibilidade para com os membros da família e percebam o quanto é importante valorizar e respeitar a sua família.

Assim, pedagogicamente, é significativo abordar o assunto para que realmente acolham suas singularidades familiares e ainda busquem conhecer-se como membro dessa história. É preciso aprender a amar, respeitar e acolher aqueles que fazem parte da nossa história. Pensamos deste modo que, desde a infância, é fundamental conhecer, compreender e valorizar a família, a origem.

Este artigo se apresenta em partes fundamentais para o aceitamento da concepção de que os pedagogos também podem abranger espaços fora das escolas. Na primeira parte, focar-se-á sobre os diferentes espaços onde seja possível a atuação de um pedagogo, fazendo jus do seu diploma. Na segunda parte, se busca entender melhor o que aconteceu, o que deu origem a catequese, tudo que envolve seu contexto histórico englobando a história da família de tempos anteriores tanto como se encontra nos dias atuais. Já na terceira parte, será enfatizado sobre a prática do estágio e para concluir serão feitas algumas reflexões acerca da prática de estágio, o quanto este significou para a formação e atuação enquanto pedagogo.

2 A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Hoje em dia, se comparado há alguns anos atrás, tem aumentado o número de pessoas formadas em Pedagogia e, também, que procuram por essa formação. Isso se deve há maiores oportunidades de vagas de emprego. Como todos sabem, os pedagogos estão conquistando espaço em diferentes áreas de atuação profissional. O profissional formado em Pedagogia tem sua área de atuação ampliada, agora além de estar nas escolas, também se encontram em espaços fora dela (espaços não escolares) e com idades diferentes.

O pedagogo tem grande experiência de casos nos quais precisam expor mais seu lado afetivo. Assim, subte-se que esteja apto para motivar funcionários de uma empresa, por exemplo, os quais devem sempre estar demonstrando interesse no que fazem. Conforme Frison (2006, p. 14), “a relevância da atuação do pedagogo (educador) nos espaços não escolares está relacionada à possibilidade de ele estimular/orientar a aprendizagem autorregulada do trabalhador”.

O pedagogo, durante seu curso, foi preparado para lidar com as pessoas e se autorregular³. Com isso, pode-se considerar que o pedagogo tem um lado mais humano de ser e agir com o outro, contudo, este profissional tem enorme capacidade de trabalhar em grupo. O que é, por exemplo, solicitado em empresas. O pedagogo tem a prática educativa que não é somente solicitada dentro da sala de aula, tem-se um horizonte maior, espaços não escolares.

Tendo esta possibilidade de o pedagogo também atuar em outros espaços além da escola, escolhe-se o espaço catequético para o presente estágio ser realizado, contudo, consideramos importante relatar a seguir um pouco sobre o surgimento da catequese no Brasil.

3 A ORIGEM DA CATEQUESE

Para se entender melhor o que se ensina e se contextualiza na catequese primeiramente se estará descrevendo como surgiu a catequese no Brasil. Então, para Terra, S.J. (1982), quando a Companhia de Jesus (os jesuítas também denominados de missionários) chegou ao Brasil, por volta de 1549, queria que os índios ensinassem a sua língua (tupi), assim, posteriormente, os jesuítas pregaram orações e ensinamentos essenciais da fé cristã facilitando então o catecismo aos índios, denominado Catequese dos índios, logo, espalharam por todas as aldeias indígenas

³ Ato ou efeito de regular a si mesmo sem nenhuma ação externa. Ou, ainda, regra estabelecida pelas próprias pessoas ou instituições para se regularizar naquele momento.

do país. Contudo, cada vez mais os índios se interessavam pela doutrina cristã se benzendo e fazendo o sinal da cruz.

Ainda, de acordo com o autor (1982), os índios iam uma vez por dia às escolas catequéticas, sendo entre eles filhos (as) de brancos e mamelucos⁴, ensinando-lhes por meio de perguntas e respostas a *Doutrina* e o *Diálogo* para que lembrassem melhor do conteúdo. Posto que, anunciavam-lhes o reino do céu, sua salvação e liberdade se prometessem fazer aquilo que era ensinado.

Na época do Brasil Colonial, os jesuítas também ensinaram catecismo aos escravos, principalmente as crianças, que era a princípio junto aos índios, mas, havia uma grande dificuldade: a língua a qual falavam. Por isso, o único jeito seria os jesuítas aprender a língua africana para conseguirem praticar a religião. “O catecismo era sagrado e devia ser ministrado todos os dias.” (TERRA, S.J., 1982, p. 47)

Aos poucos, conforme o autor, os jesuítas foram desaparecendo, como também os livros, cartas, poesias, diálogos catequéticos e outros registros por eles escritos que auxiliaram várias gerações de catequistas.

Os senhores de engenho, ou seja, os donos dos escravos, de acordo com o autor (1982, p. 53), eram obrigados a garantir assistência religiosa e a catequização aos seus escravos. Contudo, os nobres podiam construir suas próprias Igrejas e a boa ação dos missionários para com os escravos. Na catequese aos escravos era preciso tratar “os seguintes assuntos: as principais verdades da fé, o Pai-nosso, a Ave-maria, os mandamentos de Deus e da Igreja, a doutrina sobre o pecado e as virtudes, os sacramentos e outras orações”. A religiosidade ainda existente hoje nas regiões onde viviam os escravos nos permite analisar o quanto era importante à catequese no passado.

Desta forma, Terra, S.J. (1982, p. 30) diz que, a família é a “Igreja doméstica, a escola do amor, do conhecimento de Deus, do respeito à vida, à dignidade do homem”. Por isso, o início da fé, da espiritualização, geralmente acontece na família desde a infância dos seres humanos o que em seguida a catequese e a Igreja lhes complementa.

Portanto, é na família que se aprende a rezar, conhecer os ensinamentos da Bíblia, conviver com o próximo, conhecer a si mesmo e toda sua geração parental para aí compreender o quanto é preciso ser humano, a fim de relacionar-se com o outro dignamente respeitando suas singularidades. Deve-se ainda considerar que, a família de antigamente e a família de hoje convivem, se relacionam e se constituem de uma forma diferente se as analisarmos a fundo.

⁴ Filho de mulher indígena e de europeu — do tupi *mamã*, misturar, e *ruca*, tirar.

3 FAMÍLIA: ONTEM E HOJE

O termo família no Minidicionário da Língua Portuguesa (2010) significa pai, mãe e os filhos, sendo também, pessoas do mesmo sangue; descendência. E no Dicionário *online*, “grupo de pessoas que possuem relação de parentesco e habitam o mesmo lugar [...] compartilham os mesmos antepassados. [...] que se encontram ligados por hábitos, costumes, comportamentos ou interesses oriundos de um mesmo local”.

Já para a autora Maria Luíza Dias (1992, p. 57), a família é formada por um casal de pais e seu (s) filho (s) e às vezes por outra pessoa sendo parente ou conhecido convivendo num mesmo espaço. “Essa concepção de família, no Brasil, nasceu no século XIX, no período da Revolução Industrial, quando ocorreram muitas mudanças na sociedade, como o rápido avanço da tecnologia.” Com isso, a família se apropriou de um novo espaço na sociedade, diminuindo sua convivência entre outros em seu redor (amigos, vizinhos), para aperfeiçoar a afetividade entre pais e filhos que ocasionou num maior confronto entre estes, como também a responsabilidade perante a educação que antes cabia à comunidade em geral.

Ainda, conforme a autora supracitada (1992, p. 58), “na concepção de infância da Idade Média, a criança [...] era vista como um adulto em miniatura, como se desde cedo funcionasse afetiva e intelectualmente dentro da mesma lógica do adulto”. Por isso, passou-se a valorizar a afetividade e a se preocupar mais com a criança e assim, visando mais a qualidade de vida e o bem-estar dela. Desta forma, foi-se diminuindo a quantidade de filhos para melhor cuidar dos presentes, havendo o planejamento de como será o tamanho da família.

Para Dias (1992, p. 11), atualmente a família não se constitui apenas por pais e filhos do mesmo sangue, mas também por aqueles que são adotivos, juntamente com madrasta, padrasto, então, as pessoas estão ligadas umas as outras na família pelos laços de parentesco e/ou por afinidade. Além disso, “a família tem, então, por função a tarefa de socializar a criança [...] ensinar-lhe o cuidado físico, a lidar com as emoções, a se relacionar em família e [...] outros grupos”. A família também é um sistema que tem regras e padrões para assim poder orientar os envolvidos para seguirem o caminho da ética e da felicidade.

Se analisar a forma pela qual os avós e pais eram educados com a atual educação, percebe-se muita diferença quanto à relação familiar. “A partir disso, contradições são geradas, onde o velho e o novo tentam conviver, buscando formas mais integradas.” (DIAS, 1992, p. 45). Se houver diálogo, juntos podem formar acordos priorizando o respeito para não haja conflitos difíceis de resolver, afinal, temos que entender que as mudanças na sociedade aconteceram de maneira muito acelerada, à qual, as pessoas mais velhas não conseguem

acompanhar ou se negam a conviver com essas modificações, desta forma, as diferentes gerações precisam se interligar e aprender uns com os outros.

Nesta perspectiva da origem da catequese e a família de ontem e de hoje, enfatiza-se a seguir, alguns aspectos importantes decorrentes da prática do estágio realizada no ambiente catequético, e isto, fundamentado com alguns autores.

3.1 A IMPORTÂNCIA DE CONVIVER EM FAMÍLIA

Nas palavras de Shinyashiki (1992, p. 15) “você sabe que nenhum tesouro do mundo compensa o distanciamento dos filhos nem a destruição da família.” Conforme disseram alguns catequizandos quando indagados sobre ‘O que é família para vocês? E, como ela se constitui?’ *Família para nós é tudo e ela se constitui por um pai, mãe, irmãos, avós, bisavós, tios, primos.* Logo, pode-se considerar família os amigos, pois, eles também fazem parte dela não por parentesco ou pelo mesmo sangue, mas sim, pelo lado afetivo.

A família é a primeira forma de convívio de um ser humano. Desde que se nasce, necessita-se de cuidados, afeto e muito amor, é essencial que isto seja dado pelos pais. Claro que se precisa saber que se falhar, há sempre alguém para contar, nisso também se inclui familiares num grau de parentesco um tanto distante, por exemplo, os amigos. Precisa-se tratar bem os outros, para que seja algo recíproco.

Os pais estão atarefados demais por seus trabalhos e compromissos que estão relacionados a seu emprego. Então, segundo Shinyashiki (1992, p. 18), mesmo que

[...] você viva sob pressão no trabalho, mas essa realidade não pode servir como justificativa para não curtir seus filhos ao chegar em casa. Certamente as mães de hoje não têm mais a mesma disponibilidade de ficar o dia inteiro com os filhos como no passado. Hoje muitas mulheres trabalham fora e exercem uma série de atividades. Pais e mães, ao chegar em casa, precisam encontrar energia para curtir os filhos. Isso tem de ficar muito claro: filho não é obrigação! Aproveitar esses momentos de encontros é uma forma de recarregar as baterias e cumprir um papel que cabe exclusivamente aos pais.

O carinho e afeto devem ser ofertados a todo o momento aos filhos, a fim de uma relação saudável. Numa relação saudável, todos são agraciados. O filho foi você quem fez, então arrume um tempo também para ele, o que pode se tornar uma fonte de energia.

Parafraseando o autor supracitado (1992), a criança precisa de carinho vindo de seus pais, demonstrações de afeto. Muitos pais reclamam que seus filhos hajam de tal forma,

considerado fora dos padrões comuns da sociedade, porém esquecem que isso foi aprendido com observações feitas pelas crianças através das ações, comportamento dos adultos.

Pais inseguros tornam seus filhos inseguros, pais alegres tornam seus filhos alegres, Os filhos são espelho e reflexo de sua convivência familiar, mostram o jeito de ser de cada comunidade social. Alguns pais deixam essa tarefa, a de educar os filhos, para os avós, tios ou até outro conhecido, enquanto que isso não é dever destes. De acordo com isso, para Ternus (2011, p. 28), “não adianta terceirizar a educação dos filhos. Vô e vó não tem nenhuma obrigação de criar netos. Podem até ajudar a cuidar. Mas é só. Nada de passar para tio e tia. E, muito menos para a escola”.

No grupo de catequese há caso de crianças que moram com pais, filhos e avós, cunhados. No encontro com o grupo de catequizandos, uma das crianças veio com o seguinte comentário: *preciso mesmo desenhar todos os membros da família que moram comigo, na mesma casa? Não tem espaço suficiente nesta folha.* Como primeiramente a família é considerada pais e irmãos, pela zona proximal e já que os outros catequizandos não tinham tantos membros da família para desenhar, pediu-se para que este somente desenhasse seus pais e as irmãs que moram com ele.

Foto: A família desenhada por um catequizando.



Fonte: Arquivo próprio das autoras, 2015.

Geralmente as pessoas que vivem diariamente juntas têm maior chance de estar se envolvendo num desentendimento/discussão, pois há uma abundante convivência de diferentes personalidades. Para Muszkat (2008), saber se comunicar é importantíssimo para a relação familiar, escolar e social e, se expressar de maneira coerente permite por meio da linguagem a pacificação, ou seja, sem violência física e/ou verbal dos envolvidos no desentendimento. Em relação a este pensar pode-se ressaltar que na prática do estágio vários foram os momentos em

que os catequizandos falavam que o amor, a união, rezar e almoçar juntos precisa fazer parte da família real e da família que idealizavam ter.

A família é o primeiro ambiente ao qual a criança estabelece uma relação humana, logo a criança ingressa na escola, onde também precisa aprender a conviver com os demais. Para tanto, se é através do exemplo que se aprende a ser e a conviver, os adultos – pais, professores, líderes da sociedade – devem ensinar e, sobretudo, demonstrar às crianças bons valores desde o início para que saibam posteriormente se relacionar com alguém.

Os pais precisam cuidar o que e como agem diante de alguém, uma vez que será através deste comportamento que a criança irá se manifestar quando estabelecer contato com outra pessoa, pois, a tendência é que ela imite o que observou de alguém, discutir/brigar diante das crianças as leva também agir desta forma com os demais.

Verifica-se que é angustiante para os catequizandos quando em sua família há decorrentes desentendimentos, brigas, o uso da violência. Parafraseando Dias (1992), os problemas emocionais e as constantes tensões no meio familiar acabam por prejudicar a produtividade de todos, tanto na escola como no trabalho. Também interferem no desenvolvimento afetivo de seus membros e da família como um todo. É válido resolver adequadamente os conflitos para que a valorização ao outro possa acontecer, ter o diálogo como forma de expressão, preservando a relação existente entre todos os envolvidos, sem o uso da violência.

Assim, surge o questionamento: será que a violência é consequência de um relacionamento saudável? Por que as pessoas usam da violência para resolver seus problemas? Será que conseguem resolver desta forma?

Muszkat (2008) se refere à palavra violência como abuso de poder perante outra pessoa para resolver o problema através da agressividade, sendo que, esta ação significa uma incapacidade do indivíduo de solucionar os conflitos de maneira harmoniosa. Os conflitos iniciam, principalmente, quando há um desentendimento entre duas ou mais pessoas, sendo que, se não resolvidos imediatamente podem acumular e transbordar num certo momento. Nesses casos, em sua maioria, termina em discussão e brigas que magoam e ferem todos os envolvidos. Se não solucionado de imediato, o desentendimento estará propício a piorar cada vez mais, havendo posteriormente falta de comunicação entre ambas as partes por ressentimento ou angústia. Então, já que os catequizandos disseram que: *família para eles é tudo*, por que ainda entram em conflito por motivos mesquinhos que acabam por destruir os relacionamentos sadios?

Acredita-se que o amor é a fórmula mais perfeita que deve haver na relação que se estabelece com outro sujeito. E por que não estabelecem este ato com o outro? Será que estão se esquecendo de que em primeiro momento precisam se amar para poder amar o outro? Então, seria o amor a solução dos conflitos existentes? Uma questão que faz refletir sobre o agir.

Foto: Dinâmica, “A vela e o copo”.



Fonte: Arquivo próprio das autoras, 2015.

Atualmente, viver em família está cada vez mais complicado. Não se sabe compreender o outro, relações ocorrem através de gritos, fazendo uso da agressividade e da violência, e logo, tornando-se seres solitários e com medo de si mesmos, levando a depressão e baixa autoestima, por isso, enfatizou-se a dinâmica “a vela e o copo” para mostrar aos catequizando que, os conflitos podem sufocar, destruir relacionamentos que existem entre pessoas que muito significam para nós.

Percebe-se que, as tecnologias modificaram bastante a forma de conviver. Muitos são os adolescentes que têm amigos virtuais, mas quando é preciso se relacionar com alguém próximo, tocá-lo, ouvi-lo, senti-lo, geralmente não sabem como agir. Nesta perspectiva certo catequizando falou que: *antigamente nem havia televisão colorida, celulares, computadores, brinquedos sofisticados. Eles criavam seus próprios brinquedos – carrinhos de madeira, bonecas com palha de milho.* A vista disso, saber conviver é fundamental para os relacionamentos que estabelecem diariamente com outras pessoas, principalmente com a família, pois, necessitam do outro para sobreviver e ser feliz.

Foto: Dinâmica do “Apoio mútuo”.



Fonte: Arquivo próprio das autoras, 2015.

Nesta mesma reflexão, tentou-se mostrar aos catequizando que, não podem viver com o individualismo porque podem cair e não ter forças para levantar. Então, com a ajuda de um amigo, familiar, podem se levantar e ver que não estão sozinhos, sempre precisam de alguém para conversar, pedir ajuda quando encontram uma dificuldade, por isso, devem respeitar as pessoas que vivem ao redor, pois, tratando elas bem também serão assim tratados e se sentirão mais felizes.

Todo ser humano necessita de afeto, amor e ternura, sem esses princípios da boa convivência sentem-se solitários e, é a partir da família que deve-se desde cedo ensinar a criança a amar e a perdoar os outros para que também possa ser amada e perdoada, compreender o outro para ser compreendida e ouvir o outro para ser ouvida.

Para que possam conhecer o próprio ser, primeiramente, devem respeitar, de acordo com as imperfeições ou incapacidades. Afinal, ninguém é perfeito, por isso, sabendo que ninguém é perfeito e que todos são diferentes, é indispensável respeitar o próximo conforme o seu jeito de ser, sua opinião, seus sentimentos e atitudes. O respeito por si mesmo deve fazer parte da vida de todo o ser humano desde o início de sua vida, sendo isto muito necessário na família como um todo.

Em certa atividade realizada na prática, muitos eram os participantes que apenas falavam qualidades do outro, percebeu-se que eles tinham um pouco de receio de estar falando defeitos do outro para não o magoar. Acredita-se que é importante saber conviver com os nossos defeitos e apontá-lo no outro no momento certo e expressando-os de forma correta. O intuito será de que a pessoa melhore naquele aspecto, sendo uma crítica construtiva e não destrutiva, sendo o que muito acontece, além disso, precisam primeiramente olhar a si mesmos antes de apontar qualquer erro no próximo.

Percebe-se, atualmente nas famílias a falta de sentimentos diante do outro, a falta do amor, do afeto, afinal, nossos bisavós, avós, pais não foram educados desta forma e consideram isto como sendo desnecessário. Então, por que há cada vez mais conflitos, discórdias e agressividade ao lidar com alguém?

Nesta reflexão, uma das soluções que se pode citar para resolver conflitos é o perdão. Seria esta a forma mais fácil e tranquila para poder novamente viver em harmonia com o próximo. Por isso, saber perdoar faz bem, purifica a alma, eleva a autoestima. O perdão livra de ressentimentos guardados de algum malfeito. Nas diferentes atividades desenvolvidas, certos catequizandos mencionaram que, para se redimir com Deus, ser perdoado, é preciso rezar. Para que nosso corpo e a alma sejam saudáveis, perdoar seria uma maneira correta de se manter equilibrados e sadios. Então, perdoar a si mesmo, esquecendo-se do passado no qual houve certa mágoa, faz bem, visto que, não alimentam mais os maus sentimentos que prejudicam e conseqüentemente o relacionar com o outro.

As atividades desenvolvidas foram todas discutidas com muito diálogo, explicações nossas e deles, algo bem recíproco. Foi compreendida a concepção de família vindas de cada catequisando, bem como a troca de ideias de como suas famílias agem nas relações que os pais estabelecem com seus filhos e vice versa, a relação entre irmãos e demais que moram na mesma residência.

4 CONSIDERAÇÕES

Na disciplina de estágio, verificou-se algo diferente ao que vinha sendo até então. Foi a vez de realizar o Estágio Supervisionado V em espaços não escolares (atuar em espaços fora da escola). O leque de oportunidades era vasto, sendo que, poderia ocorrer em empresas, grupos de catequese, idosos, grupos de jovens e outras áreas em que o pedagogo pode vir a trabalhar, tendo seu diploma reconhecido.

O estágio realizado nos espaços não escolares foi de grande valia para que, enquanto futuras pedagogas, se tenha certa experiência e conhecimentos a partir destes espaços onde o pedagogo também pode estar atuando. Esta etapa da nossa jornada acadêmica agregou muitos saberes e sabores de acordo com a catequese que, é um exemplo de espaço onde o pedagogo também pode atuar. Desta feita, esta prática mostrou o quanto o ser humano deve dar valor a sua família e seus laços afetivos, pois é ela que sustenta e alimenta com amor, carinho, ternura, respeito e felicidade.

Com certeza, o presente estágio foi muito precioso, assim será também para os acadêmicos que estão percorrendo seus caminhos no curso de Pedagogia ou que ainda pretendem ingressar nesta profissão tão importante e gratificante.

REFERÊNCIAS

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família:** relações de afeto e conflito. São Paulo: Moderna, 1992.

DICIONÁRIO Online Português. **Significado de família.** Disponível em: <http://www.dicio.com.br/familia/>. Acesso: 12 de mar. de 2015.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Auto-regulação da aprendizagem:** atuação do pedagogo em espaços não-escolares. Porto Alegre, 2006. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-12-20T134138Z-211/Publico/385720.pdf Acesso: 15 de maio de 2015.

MINIDICIONÁRIO, **prático:** língua portuguesa: A/Z. São Paulo: DCL, 2010.

MUSZKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos em famílias e organizações.** 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

TERRA, J.E. Martins (S.J.). **Catequese e cultura:** Inculturação índios e escravos. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

TERNUS, René. **Relações complicadas:** o verdadeiro livro da família. Chapecó: Gráfica e Editora Porto Novo, 2011.

SHINYASHIKI, Roberto. **Pais e filhos, companheiro de viagem.** São Paulo: Editora Gente, 1992.